

ROBERT LOUIS
STEVENSON

O médico e o monstro

*O estranho caso
do dr. Jekyll e sr. Hyde*

Tradução de
JORIO DAUSTER

Prefácio de
LUIZ ALFREDO GARCIA-ROZA

Introdução e notas de
ROBERT MIGHALL



PENGUIN

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2015 by Companhia das Letras
Copyright da introdução e notas © 2012 by Robert Mighall

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL
The Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde

PREPARAÇÃO
Ciça Caropreso

REVISÃO
Luciane Helena Gomide
Angela das Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Stevenson, Robert Louis, 1850-1894.

O médico e o monstro ; O estranho caso do dr. Jekyll e sr. Hyde / Robert Louis Stevenson ; tradução de Jorio Dauster ; prefácio de Luiz Alfredo Garcia-Roza; introdução e notas de Robert Mighall. — 1^a ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015.

Título original: The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde.

ISBN 978-85-8285-013-8

1. Ficção — Literatura juvenil 2. Literatura juvenil 1. Título. II. Título: O estranho caso do dr. Jekyll e sr. Hyde.

15-00949

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção: Literatura juvenil 028.5

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501
www.penguincompanhia.com.br
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Prefácio — Luiz Alfredo Garcia-Roza	7
Introdução — Robert Mighall	17
O MÉDICO E O MONSTRO	55
<i>Cronologia</i>	144
<i>Notas</i>	146
<i>Outras leituras</i>	155

A história da porta

O sr. Utterson, o advogado, era um homem de feições duras, jamais iluminadas por um sorriso; de poucas palavras, frio, nada tinha de sentimental; magro, alto, insípido e sorumbático, mesmo assim conseguia ser agradável. Reunido com amigos, e quando diante de um vinho que lhe aprouvesse, alguma coisa eminentemente humana transparecia em seus olhos, algo que nunca se manifestava no falar, mas que se expressava não apenas naqueles sinais silenciosos no rosto após o jantar como, de modo mais claro e frequente, em suas ações na vida cotidiana. Mantinha hábitos austeros, bebendo gim quando se encontrava a sós, a fim de refrear o desejo pelo produto das mais finas castas de uvas; e, embora apreciasse o teatro, não atravessara a porta de uma casa de espetáculos nos últimos vinte anos. Entretanto, tinha uma sólida tolerância com outras pessoas, às vezes se surpreendendo — quase com inveja — diante da excitação espiritual que as levava a cometer malfeitos: em casos extremos, estava sempre mais inclinado a ajudar do que a censurar. “Sou partidário da heresia de Caim”,¹ costumava dizer com um toque de excentricidade, “deixo que meu irmão vá para o inferno da forma que melhor lhe aprouver.” Por pensar assim, muitas vezes era o último conhecido respeitável de homens a caminho da ruína, como também a última boa influência sobre eles. E com relação a tais homens, caso

o procurassem em seu escritório, jamais mudava em nada seu comportamento.

Isso era fácil para o sr. Utterson, que sempre foi muito reservado e cujas amizades pareciam se basear nesse seu temperamento magnânimo. É característico de um homem modesto aceitar seu círculo de amigos tal como o acaso os apresenta, e assim agia o advogado. Tinha como amigos os parentes e aqueles que conhecia havia mais tempo: suas afeições, como a hera, eram produto do tempo, não refletindo a qualidade do objeto. Daí vinha, sem dúvida, o vínculo com o sr. Richard Enfield, um parente distante e conhecida figura da sociedade londrina. Muitos tinham dificuldade de explicar o que esses dois viam um no outro ou que assunto em comum conseguiam encontrar.² Segundo quem os via passeando aos domingos, não trocavam uma palavra, davam a impressão de estar entediados e cumprimentavam com patente alívio algum amigo que aparecesse. Apesar disso, ambos emprestavam grande importância àqueles passeios com os quais coroavam cada semana, descartando outras oportunidades de lazer e até mesmo resistindo a chamados profissionais a fim de garantir que nada os interromperia.

Numa dessas caminhadas, viram-se por acaso numa rua lateral de um movimentado bairro de Londres. A rua era pequena e bastante tranquila, conquanto nela houvesse grande atividade comercial nos dias úteis. Os lojistas claramente prosperavam e competiam entre si para ir mais além, exibindo seus lucros sob a forma de atraentes vitrines, tal qual fileiras de vendedoras risonhas. Mesmo aos domingos, quando ocultava seus maiores encantos e o número de transeuntes era comparativamente menor, a rua brilhava como um incêndio na floresta, destoando da vizinhança esquálida, e os olhos de quem passava eram imediatamente atraídos e se deliciavam com as venezianas recém-pintadas e os bronzes bem polidos, a limpeza geral e a formosura do ambiente.

A duas portas da esquina e à esquerda de quem segue para leste, a sequência de lojas era interrompida pela entrada de um pátio; e bem nesse ponto a sinistra ala de um prédio se projetava sobre a rua. Tinha dois andares, nenhuma janela e apenas uma porta no térreo; com a parede desbotada na parte superior, exibia todos os sinais de prolongada e sórdida negligência. A pintura da porta, sem campainha ou aldavaria, estava descascada e manchada. Vagabundos se recostavam no nicho da entrada e riscavam fósforos nos painéis da porta; crianças vendiam quinquilharias nos degraus; um estudante testara seu canivete no batente, mas, durante quase uma geração, ninguém aparecera para afugentar aqueles visitantes indesejáveis ou consertar seus estragos.

O sr. Enfield e o advogado estavam do outro lado da rua lateral; porém, ao chegarem defronte à entrada, o primeiro ergueu a bengala e apontou.

“Já reparou alguma vez naquela porta?”, perguntou e, quando o companheiro respondeu afirmativamente, prosseguiu: “Está ligada em minha mente a uma história bem estranha”.

“É mesmo?”, disse o sr. Utterson, mudando ligeiramente o tom de voz. “O que aconteceu?”

“Bem, foi assim”, retrucou o sr. Enfield. “Eu voltava para casa vindo de algum fim de mundo por volta das três horas de uma escura madrugada de inverno, tendo que atravessar uma parte da cidade em que literalmente só se viam os lampiões. Rua após rua, e todo mundo dormindo — rua após rua, todas iluminadas como para uma procissão e todas tão vazias quanto uma igreja —, até que entrei naquele estado de espírito em que um homem aguça os ouvidos e começa a sentir falta de ver um policial. De repente, enxerguei duas figuras, um sujeito baixinho que seguia para leste com passos rápidos e pesados, e uma menina de talvez oito ou dez anos que vinha correndo em disparada por uma rua transversal. Bem, meu amigo, os

dois se chocaram por acaso bem na esquina; e aí aconteceu a parte horrível, porque o homem pisoteou com toda a calma o corpo da criança e a deixou gritando no chão. Ouvir aquilo não foi nada quando comparado à coisa infernal que eu tinha visto. Não parecia um homem, e sim um diabólico Juggernaut.³ Soltei dois berros e corri ao encalço do sujeito, agarrando-o e trazendo-o de volta para onde já se reunia um grupo em torno da menina aos gritos. Ele se manteve absolutamente frio e não resistiu, mas dirigiu-me um olhar tão medonho que me fez suar como se eu tivesse me exercitado energicamente. As pessoas que haviam acorrido eram familiares da garota, e pouco depois apareceu o médico que tinham ido buscar para ela. Bem, de acordo com o médico ela não estava gravemente ferida, e sim mais assustada do que qualquer outra coisa. Você poderia imaginar que tudo estava acabado, porém houve uma circunstância curiosa. Eu havia me tomado de aversão ao indivíduo à primeira vista, o mesmo acontecendo com a família dela, como era natural. Porém foi a reação do médico que me impressionou. Ele era um profissional típico, sem nada que denunciasse sua idade ou temperamento, com um forte sotaque de Edimburgo e tão emotivo quanto uma gaita de foles. Em suma, meu amigo, era como qualquer um de nós, mas cada vez que ele olhava para o meu prisioneiro eu o via empalidecer, tamanha sua vontade de matar o homenzinho. Eu sabia o que lhe passava pela cabeça, assim como ele sabia o que se passava pela minha; como matar estava fora de questão, escolhemos a melhor alternativa. Dissemos ao homem que faríamos tal escândalo sobre aquilo que seu nome iria ser execrado de um extremo ao outro de Londres. Caso tivesse amigos ou alguma reputação, prometemos que os perderia. E, enquanto lhe dizíamos as últimas, mantínhamos as mulheres afastadas dele tanto quanto possível, pois pareciam verdadeiras harpias selvagens.⁴ Nunca vi um círculo de rostos tão transtornados pelo ódio; e no

centro lá estava o homenzinho, denotando uma espécie de frieza sombria e sarcástica — assustado também, reparei —, mas se comportando, meu amigo, realmente como Satã. ‘Se quiserem explorar este incidente’, ele disse, ‘obviamente nada posso fazer. Mas todo cavalheiro prefere evitar uma cena’, continuou. ‘Digam qual é a quantia.’ Bom, arrancamos dele cem libras para a família da menina; ele quis recusar, mas, como nos viu prontos para tudo, por fim concordou. A próxima coisa era arranjar o dinheiro, e foi então, imagine só, que nos levou até aquela porta, puxou do bolso uma chave e entrou, voltando pouco depois com dez libras em moedas de ouro e um cheque contra o banco Coutts⁵ que cobria o restante. O cheque era pagável ao portador e assinado com um nome que não posso mencionar, embora seja parte importante da minha história, mas era ao menos um nome bem conhecido e frequentemente citado na imprensa. A soma era elevada, porém a assinatura valia mais do que isso se fosse genuína. Tomei a liberdade de chamar a atenção do sujeito para o fato de que a coisa toda parecia apócrifa e de que, na vida real, ninguém entra numa porta de porão às quatro da manhã e sai de lá com o cheque em nome de outro homem num valor de quase cem libras. Mas ele não se alterou e deu um risinho de mofa. ‘Fique tranquilo’, disse, ‘permaneço em sua companhia até que os bancos abram, e então eu próprio saco o dinheiro.’ Em vista disso, fomos todos embora, e o médico, o pai da menina, nosso amigo e eu passamos o resto da noite em minha casa; no dia seguinte, depois de tomarmos o café da manhã, fomos juntos ao banco. Eu mesmo entreguei o cheque, dizendo que tinha todas as razões para crer que se tratava de uma falsificação. Nada disso. O cheque era bom.”

“Ora, ora”, disse o sr. Utterson.

“Vejo que você sente o mesmo que eu”, disse o sr. Enfield. “Sim, é uma história ruim. Era uma pessoa com quem ninguém devia ser obrigado a lidar, um homem

realmente demoníaco; e quem assinou o cheque é o suprassumo da dignidade, muito célebre e — o que torna tudo pior — um desses sujeitos que dizem fazer o bem.⁶ Suponho que seja chantagem, um homem honesto pagando uma fortuna por conta de algum mau passo na mocidade. Consequentemente, agora chamo o lugar daquela porta de Casa da Chantagem. Embora mesmo isso, sabe, esteja longe de explicar tudo”, ele acrescentou, pondo-se a meditar.

Foi trazido de volta à realidade pela repentina pergunta do sr. Utterson: “E você não sabe se o portador do cheque mora lá?”.

“Um lugar bem provável, não é?”, retrucou o sr. Enfield. “Mas por acaso reparei no endereço; ele mora numa praça qualquer.”

“E você nunca perguntou sobre... o lugar com a porta?”, perguntou o sr. Utterson.

“Não, senhor; fui delicado. Tenho grandes reservas em matéria de fazer perguntas. Lembra muito o estilo do dia do julgamento final. Você faz uma pergunta, e é como se estivesse movendo uma pedra. Você continua sentado calmamente no alto do morro, e lá se vai a pedra, movendo outras. Daqui a pouco, um sujeito bem esperto — a última pessoa em quem você pensaria — é atingido na cabeça em pleno jardim dos fundos de sua casa, e a família sevê obrigada a trocar de nome. Não, senhor, tenho uma regra: quanto mais esquisito parece, menos eu pergunto.”

“Uma regra muito boa”, disse o advogado.

“Mas analisei o local”, continuou o sr. Enfield. “Nem parece uma casa. Não há outra porta, e por aquela ninguém entra ou sai exceto, de tempos em tempos, o cavalheiro que participou da minha aventura. No primeiro andar há três janelas que dão para o pátio, nenhuma no térreo; as janelas estão sempre fechadas, mas são limpas. Como há uma chaminé da qual geralmente sai fumaça, alguém deve morar lá. No entanto, não dá para ter cer-

teza, as casas se amontoam de tal maneira que é difícil saber onde acaba uma e começa a outra.”

Os dois caminharam em silêncio por algum tempo até que o sr. Utterson disse: “Enfield, essa sua regra é mesmo muito boa”.

“Eu sei, acho que é”, confirmou Enfield.

“Mas, apesar disso”, continuou o advogado, “há uma coisa que quero lhe perguntar: qual o nome do sujeito que pisoteou a menina?”

“Bem”, disse o sr. Enfield, “não vejo que mal isso faria. Ele se chama Hyde.”

“Hum”, disse o sr. Utterson. “E qual a aparência dele?”

“Não é fácil de descrever. Há algo de errado com suas feições; alguma coisa desagradável, na verdade detestável. Nunca vi um homem com quem eu tivesse antipatizado tanto, e apesar disso nem sei por quê. Ele deve ter algum defeito, dá uma forte impressão de possuir alguma deformidade, conquanto eu não saiba onde. Tem um aspecto incomum, mas nem por isso consigo dizer o que está fora do lugar. Não, senhor, não há maneira, sou incapaz de descrevê-lo. E não porque me falha a memória, pois juro que posso visualizá-lo neste justo instante.”

O sr. Utterson deu mais alguns passos em silêncio, sem dúvida sob o peso de graves reflexões. “Tem certeza de que ele usou uma chave?”, indagou por fim.

“Caro amigo...”, começou Enfield, muito surpreso.

“Sim, eu sei”, disse Utterson, “sei que deve parecer estranho. Na verdade, se não lhe pergunto o nome da outra pessoa é porque já o conheço. Veja, Richard, sua história tem endereço certo. Se você foi inexato em algum ponto, é melhor corrigir-se agora.”

“Acho que você deveria ter me alertado”, retrucou o outro com um toque de irritação. “Mas fui pedantemente correto, como você costuma dizer. O sujeito tinha uma chave; e o que é mais: ainda tem. Eu o vi usá-la não faz uma semana.”

O sr. Utterson suspirou fundo, porém não pronunciou uma só palavra. “Mais uma lição para se ficar calado”, disse. “Estou envergonhado de ter sido tão boquirroto. Vamos fazer um trato de nunca mais nos referirmos a isso.”

“De todo o meu coração”, disse o advogado. “Richard, apertemos as mãos para selar este entendimento.”